



## LITERATURA E ENSINO DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS: INTERFACES CULTURAIS E LINGÜÍSTICAS<sup>1</sup>

Thiago Nasi da Silva<sup>2</sup>, Fernanda Trein<sup>3</sup>, Taíse Neves Possani<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Relato de experiência do Projeto de Extensão Português para Estrangeiros e Português como Língua de Acolhimento da Unijuí. Financiado pelo PIBEX/UNIJUI.

<sup>2</sup> Estudante do curso de Letras - Português e Inglês da UNIJUI. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Extensão, financiado pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - PIBEX/UNIJUI

<sup>3</sup> Orientadora do Projeto de Português para Estrangeiros e Português como Língua de Acolhimento. Professora do curso de Letras: Português e Inglês da UNIJUI.

<sup>4</sup> Coordenadora do Projeto de Português para Estrangeiros e Português como Língua de Acolhimento. Coordenadora dos cursos de Letras, História e Pedagogia da UNIJUI.

### INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Portuguesa (LP) como língua estrangeira (PLE), língua adicional (PLA) ou língua de acolhimento (PLAc) cresce exponencialmente no Brasil e em outros países falantes de português. Tal crescimento deve-se, em especial, ao número de migrantes internacionais, que, por seus diversos motivos, propõem-se a aprender a língua em contextos formais. É nessa ótica que o projeto de Português para Estrangeiros (PLE) e o projeto Acolher - Português como Língua de Acolhimento (PLAc) se inserem na Unijuí e em sua comunidade.

Reunindo 10 alunos, os projetos oferecem aulas de língua portuguesa duas vezes na semana – às terças, para um grupo de estudantes avançados, e às quintas, para um grupo de alunos iniciantes na língua. Além do trabalho de uma hora em sala de aula, os alunos recebem materiais e atividades que contemplam outra hora de estudos, a serem desenvolvidos no período entre aulas. Assim, conseguem se manter em contato com a língua, além do cotidiano, de forma pensada e sistematizada para a aprendizagem.

Nesse sentido, durante o ano de 2023, a partir de experiências do ano anterior, o projeto desenvolveu suas aulas em articulação com mais uma dimensão da LP: a literatura. Sem deixar de lado questões gramaticais e linguísticas, as aulas envolveram produções literárias brasileiras, especialmente, e de autores que escrevem em português. Por isso, o presente trabalho propõe o relato de experiência das aulas e também a reflexão sobre as interfaces entre o ensino de língua estrangeira e a literatura.

### METODOLOGIA

Este trabalho constitui-se como um relato de experiência, pois visa descrever a atuação no projeto durante o período de atividades. Assim, considera as aulas desenvolvidas com ambas as turmas no período de março a julho de 2023.

É, também, uma pesquisa exploratória, porque objetiva “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses.” (GIL, 2002, p. 41), e descritiva, no que tange “o estabelecimento de relações entre variáveis” (*Ibidem*, p. 42), neste caso, a sala de aula de LE e a literatura. Por isso, também caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, “[...] desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (*Ibidem*, p. 44), em especial produções da área da Linguística e da Literatura, articuladas à LP.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

É ainda notável na área de Letras a separação que se estabelece entre os estudos linguísticos e literários. Historicamente, as duas vertentes se afastam por questões metodológicas e de objeto de análise, apesar do lugar comum de estudo da linguagem e dos elementos culturais que a compõem. Não é por menos que nas aulas de PLE, o principal foco seja a linguística, e a literatura acabe desaparecendo e sejam raros os casos de sua presença.

Em um primeiro momento, considera-se que a apreciação literária dê-se por aqueles que possuem domínio da língua que estão lendo. A sala de PLE, então, não se configuraria como o lugar apropriado, visto a heterogeneidade de níveis linguísticos. Porém, advogamos pela “reunião dessas duas áreas em um mesmo bojo, ou seja, na cultura, [...] por serem seus objetos constituídos por signos verbais [...]” (MOTA, 2010, p. 102). A língua, enquanto elemento identitário, é permeada pelos elementos culturais, que podem ajudar o aluno a aproximar-se da língua objeto de aprendizagem, além, é claro, de tornar o momento de aprendizagem mais leve e interessante.

A diferença de proficiência entre alunos é característica intrínseca ao trabalho, não necessariamente um obstáculo. Experiências de PLE em Portugal, por exemplo, já relatam o trabalho literário em salas heterogêneas a partir da adaptação, ou retextualização de obras. Machado et. al. (2017, p. 10) descreve a atuação docente com textos repensados para o nível A1 (nível básico, no Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas), sem deixar de lado o contato dos alunos com as obras e preservando sua autonomia de aprendizagem.



Em nossa experiência, textos adaptados não foram necessários, pois as atividades se deram a partir de obras originalmente escritas de forma mais acessível. Historicamente localizadas no período do Modernismo brasileiro, os alunos leram em conjunto os textos “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Telles, e “Uma Fábula Chatinha”, de Caio Fernando Abreu. Na ocasião em que trabalhamos um panorama da Literatura Brasileira, passando por autores como Machado de Assis, José de Alencar e Olavo Bilac, que notoriamente publicaram obras com vocabulário e estruturas mais eruditas, os trechos contaram com glossário e orientação mais próxima dos professores, sem direcionamento de atividades com os textos; ou seja, apenas a leitura e discussão dos textos em aula.

Independentemente do texto, é necessário que a etapa de exposição prévia do aluno ao tema e ao contexto de produção da obra não sejam ignoradas. A partir da biografia do autor, de uma breve revisão histórica do período de publicação, ou até mesmo de inferências sobre o título da obra, os estudantes já são expostos ao texto literário. Assim, “respondemos também ao contacto direto com o texto literário na sua integridade, mas agora em melhores condições [...]” (MACHADO et. al., 2017, p. 13).

A literatura, em nosso contexto, atuou principalmente como meio pelo qual trabalhamos não apenas a apreciação do texto literário, mas também a compreensão da cultura brasileira. Por isso, é preciso ressaltar que tal trabalho “implica em um (re)dimensionamento da cultura do outro e da própria cultura do sujeito aprendiz, confluindo na reconfiguração da sua identidade.” (MOTA, 2010, p. 105). O papel do docente, sempre mediador, reforça-se, ao percebermos que essas questões não podem ser tomadas como simples e isoladas em pequenas aulas — seria impossível discutir e entender a cultura de um país tão grande e diverso em aulas de uma hora, semanalmente, mudando de assunto a cada semana; por isso, os momentos de leitura e trabalho do texto precisam abarcar o ritmo dos aprendizes e as particularidades das turmas.

Sem dúvidas, não se aceita o uso do texto “[...] com o falso bordão pedagógico do já agora ou a propósito disto.” (MACHADO et. al., 2017, p. 14), que comporta a literatura como mero pretexto para atividades gramaticais. Não se pretende que o aprendiz perceba a obra como um instrumento puramente de aprendizagem de modos verbais, conjugações ou estruturas sintáticas. Ora, com certeza essas questões são intrínsecas, porém nunca devem ser o foco na literatura, visto que esta não possui propósito instrutor, mecânico, puramente a



serviço de estudos gramaticais. Na apreciação, vale-se do contato com o texto e a compreensão daquilo que ele provoca no leitor.

Portanto, como destacado por Mota (2010),

Propõe-se que a literatura seja, nessas aulas, não apenas um meio para o ensino de funções comunicativas e/ou gramaticais, mas, também, uma fonte para discussão de temas presentes nela que possam contribuir para adentrar mundos não apenas sob o prisma linguístico, mas, também, (inter)cultural. (MOTA, 2010, p. 106)

É com a literatura que se pode diminuir a distância entre as culturas, procurando por pontos de convergência e divergência. As discussões que provoca podem gerar aproximações benéficas para o estudante do PLE e do PLAc, assim como para o licenciando que tenta reinventar sua prática.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A prática extensionista nos projetos de PLE e PLAc proporcionam a formação inicial docente de forma singular. Põe-se em prática as teorias aprendidas em sala de aula, na universidade, e promove o entendimento da LP de forma singular, partindo de uma perspectiva diferente da Educação Básica. Além disso, possibilita que, com devido apoio, sejam pensadas novas formas de ensinar e outros processos de aprendizagem a serem postos em prática.

Dessa forma, diversifica-se o ensino na dimensão docente, provocando orientadores e licenciandos a revisitar práticas já estabelecidas, questioná-las e propor novas abordagens. Na dimensão discente, faz com que os alunos entrem em contato com textos que, talvez, sem orientação, não conseguiriam ler e apreciar, visto questões linguísticas e culturais específicas. Com a mediação qualificada do professor, conseguem, enquanto aprendem a língua, ter um contato primeiro com obras literárias brasileiras e compreender, por meio delas, dimensões do ser brasileiro.

**Palavras-chave:** Cultura. Extensão. Literatura Brasileira.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos à Unijuí, por meio do Programa Institucional de Extensão – Pibex, por possibilitar a realização das atividades dos projetos de extensão e a formação dos bolsistas.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002. 171 p.

MACHADO, Ana Maria. et. al. A literatura no ensino de português língua estrangeira. Discussão de um projeto. **Tejuelo**, n. 27 (2018), p. 5-20.

MOTA, Fernanda. LITERATURA E(M) ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA. **Fólio – Revista de Letras**, Vitória da Conquista v. 2, n. 1, jan./jun. 2010. p. 101-111.